



Transtornos Mentais: Experiência com estudantes de Escolas Estaduais de Alta Floresta - MT

Marilaine de Castro Pereira Marques¹; Danúbia Bertan²; Ismael Pereira dos Santos³; Anderson Ortiz Alves⁴; Renato Fabris⁵; Fernanda Silva Signor⁶

Resumo: A finalidade do presente artigo é socializar uma experiência investigativa com alunos, de duas escolas estaduais de Alta Floresta, durante os anos de 2017 e 2018, sobre transtornos mentais. A pesquisa teve como escopo, identificar alunos que apresentavam algum comportamento que pudesse ser característico de transtorno mental; compreender suas queixas; orientar os que necessitavam de tratamento e oferecer apoio afetivo, bem como informacional durante o período de aulas. Adotou-se a abordagem qualitativa de pesquisa e os dados foram coletados por observações e entrevistas com questões abertas. Observou-se alunos de dez salas de aula, que juntas integravam cento e oitenta e oito alunos. Vinte e dois apresentavam algum tipo de sofrimento, demonstrado por meio de isolamento, tristeza, choro e desinteresse pelos estudos. Desses vinte e dois identificados, todos afirmaram que sentiam muita tristeza e angústia, sendo que doze deles disseram que não tinham um motivo aparente que justificasse a ansiedade, irritação e falta de vontade de viver. Quinze dos vinte e dois já tinham se mutilado. Orientou-se os alunos a procurarem ajuda profissional, destacando que transtornos mentais trazem muitos prejuízos para a vida dos doentes e até para as pessoas com as quais convivem. Julga-se ter alcançado o objetivo da pesquisa e ainda que o fato de terem mais informações não tenha sido o bastante para aliviar suas dores, foi um trampolim para aqueles alunos buscarem ajuda profissional e obterem maior empatia por parte dos pais.

Palavras-chave: Transtornos mentais. Alunos. Escolas estaduais.

¹ Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT); Especialista em Desenvolvimento Regional Agroflorestal pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT); Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT); Doutoranda no Programa de Pós-graduação Ambiente e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES), Lajeado, Rio Grande do Sul; Docente da Faculdade de Direito de Alta Floresta (FADAF) e da Faculdade de Alta Floresta (FAF); Professora das Escolas Estaduais Dom Bosco e Militar do Corpo de Bombeiros Dom Pedro II - Alta Floresta/MT. marilainecastro@hotmail.com.

² Pós-graduada em Educação Especial - LIBRAS pelo IFMT- Instituto Federal de Mato Grosso. Pós graduada em Formação em Educação à Distância pela UNIP - Universidade Paulista. Graduada em Psicologia pela Escola Superior de Criciúma (ESUCRI). Atualmente é psicóloga do IFMT - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso - Campus Alta Floresta. danubia_b@hotmail.com

³ Psicólogo - CRP 18/01886. Especialista em Neuropsicologia - Pós Graduado em Políticas Sociais de enfrentamento ao abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. - Psicólogo do Centro de Especialidades Médicas de Alta Floresta/MT - Psicólogo Clínico na PROVIDA - Psicologia e Neuropsicologia. ismael_picol@hotmail.com

⁴ Possui graduação em Licenciatura Plena Em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2000), graduação em Matemática pela Universidade Paulista (2015) e mestrado em Física Ambiental pela Universidade Federal de Mato Grosso (2004). Atualmente é estável - Secretária de Estado de Ciência e Tecnologia de Mato Grosso e professor contratado da Universidade do Estado de Mato Grosso. andersonbio@hotmail.com

⁵ Graduação em Pedagogia pela Faculdade Educacional da Lapa (2011) e graduação em História pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2015), é Especialista em História do Mato Grosso pelo Instituto Federal Campus de Alta Floresta (2016), Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Alta Floresta e Mestrando em Educação pela Universidade América University. Atualmente é professor na Escola Estadual Ludovico da Riva, Colégio Militar Dom Pedro II e no curso de Direito na Faculdade de Direito de Alta Floresta - FADAF no município de Alta Floresta. dr.renatofabris@hotmail.com

⁶ Graduada em Psicologia Especialista em Terapia Cognitivo Comportamental Especialista em Assistência Interdisciplinar em Saúde Mental/Álcool e Outras Drogas Especialista em Psicopedagogia. fernanda_signor@hotmail.com

Mental Disorders: Experience with students from State Schools of Alta Floresta - MT

Abstract: The purpose of this article is to socialize an investigative experience with students from two state schools in Alta Floresta, during 2017 and 2018, about mental disorders. The research aimed to identify students who had some behavior that could be characteristic of a mental disorder; understand your complaints; guide those in need of treatment and offer affective as well as informational support during the class period. A qualitative research approach was adopted and data were collected through observations and interviews with open questions. Students from ten classrooms were observed, which together comprised one hundred and eighty-eight students. Twenty-two had some kind of suffering, demonstrated through isolation, sadness, crying and lack of interest in studies. Of these twenty-two identified, all said they felt a lot of sadness and anguish, and twelve of them said they had no apparent reason to justify the anxiety, irritation and unwillingness to live. Fifteen of the twenty-two had already mutilated themselves. Students were instructed to seek professional help, highlighting that mental disorders bring a lot of harm to the lives of patients and even to the people they live with. It is believed to have achieved the objective of the research and even though the fact that they had more information was not enough to alleviate their pain, it was a springboard for those students to seek professional help and obtain greater empathy from their parentes.

Key-words: Mental behavioral. Students. State Schoolless.

Introdução

As sociedades atuais, salvo poucas exceções, têm um ritmo de vida acelerado e poucos disponibilizam tempo para cuidar do seu bem-estar. Precisam conciliar as jornadas de trabalho, tempo de locomoção para o labor, estudos e obrigações domésticas. Diante de tantos afazeres, quando chega ao final do dia, o cansaço faz com que se queira descansar e dormir. Cada vez menos as famílias sentam para conversar e quando o fazem, a atenção muitas vezes está mais voltada para o celular e mundo virtual do que para os sujeitos reais que dividem a casa. Morar juntos no mesmo espaço, não significa que é suficiente para se estabelecer laços fortes de união, amor e compreensão.

A vida na pós-modernidade exige grandes esforços e versatilidade dos humanos que precisam se desdobrarem para atenderem as exigências do mercado de trabalho, as reponsabilidades familiares e aos demais desafios emergentes. Não é raro se conhecer pessoas que estão passando por problemas de saúde mental, o que gera grande sofrimento para a pessoa acometida por tais patologias e até para sujeitos com as quais ela convive.

Os transtornos não escolhem idade, classe social ou gênero. Observa-se que no decorrer das últimas décadas tem aumentado muito tais ocorrências e como a escola é o reflexo da sociedade,

estes problemas têm chegado até ela com muita intensidade. Os estudantes ficam na escola quatro horas por dia na companhia dos colegas e professores, o que geralmente é mais que o tempo que ficam com seus pais, que na maioria das vezes trabalham o dia todo. Os mestres ao presenciarem comportamentos anormais, procuram ajudar com apoio moral e orientações para que procurem ajuda profissional.

Entre os transtornos mentais estão a depressão, a ansiedade, o transtorno afetivo bipolar, a esquizofrenia e outras psicoses. Os transtornos são caracterizados por combinações de pensamentos, percepções, emoções e comportamentos anormais. O número de pessoas com distúrbios mentais é crescente em todos os países do mundo. Existem tratamentos para aliviar os sofrimentos provocado pelos referidos transtornos, porém, esses servem para amenizar as situações e não curar (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE – OMS, 2021).

As causas desencadeadoras de transtornos mentais são múltiplas, a saber: atributos individuais, incluindo a capacidade de administrar os pensamentos, emoções, comportamentos, relações interpessoais, fatores sociais, culturais, econômicos e ambientais, bem como o estresse, a genética e exposições a perigos ambientais. A saúde mental é um grande problema social, ademais, os sistemas de saúde não atendem com eficiência a demanda de doentes que necessitam de tratamento, sendo que nos países de baixa e média renda, em média 85% dos que necessitam não recebem atendimento, enquanto que nos países de alta renda, entre 35% e 50% estão em situação semelhante. Para complicar essa realidade, a qualidade dos serviços prestados é de qualidade questionável (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE - OMS, 2021).

Tão importante quanto os medicamentos que são receitados pelo psiquiatra de acordo com cada caso, é a psicoterapia, porém muitos não têm acesso a nenhum dos dois ou quando tem, não é com a frequência necessária para gerar melhoras. Nem sempre a família consegue oferecer o suporte que é de suma importância para a recuperação do doente com transtorno mental. O próprio doente em muitos casos, não procura ajuda por falta de conhecimentos ou de desejo de receber um tratamento que possa melhorar sua qualidade de vida.

Por trabalhar em instituições de ensino, tem-se presenciado exemplos dessas ocorrências. Crianças e jovens que estão com dificuldade para estudar, que saem da sala de aula para chorar no banheiro ou para fazer algo drástico, como se cortarem. Com a finalidade de conhecer a expressão do fenômeno, nos ambientes onde se atuava, realizou-se uma pesquisa que teve como escopo, identificar alunos que apresentavam algum comportamento que pudesse ser característico de transtorno mental; compreender suas queixas; orientar os que necessitavam de tratamento e oferecer apoio afetivo, bem como informacional durante os períodos de aulas.

A relevância dessa pesquisa residiu no fato de possibilitar que os alunos recebessem algumas informações sobre suas patologias e assim, ficassem cientes da necessidade de buscarem ajuda e fazerem o tratamento adequado com rigorosidade.

Encaminhamentos Metodológicos

A pesquisa foi desenvolvida nos anos de 2017 e 2018, em duas escolas estaduais, localizadas em bairros periféricos de Alta Floresta - MT, com alunos de dez turmas, que juntas integravam cento e oitenta e oito alunos. Destes, vinte e dois foram selecionados por atenderem os critérios da pesquisa. A faixa etária dos pesquisados foi de 15 a 17 anos.

Os dados foram coletados por meio de observações e entrevistas com questões abertas. Adotou-se a abordagem qualitativa de pesquisa de acordo com Creswell (2010). Para o autor, a pesquisa qualitativa é “um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano” (CRESWELL, 2010, p. 43). Os dados foram sistematizados de forma descritiva.

Os alunos receberam informações sobre transtornos mentais durante os períodos de aula, em momentos de atendimentos particularizados inerentes aos conteúdos lecionados ou durante o recreio, conforme os referidos sujeitos demonstravam interesse. As informações foram passadas por meio de diálogos e vídeos, indicados para assistirem fora da sala de aula.

Resultados e Discussão

As doenças mentais estão cada vez mais presentes na vida das pessoas na sociedade atual, visto que uma em cada quatro pessoas sofreram de alguma perturbação mental ao longo de suas vidas. A sanidade mental é considerada mundialmente como um aspecto fundamental da saúde humana, pois o conceito ampliado de saúde aponta que para se adquirir saúde é necessário alcançar uma gama de fatores, incluindo o estado de bem-estar social e mental (BARBOSA et al, 2018).

As situações vivenciadas em duas escolas estaduais de Alta Floresta possibilitaram informações importantes sobre o universo daqueles alunos que tinham estampado em suas faces a tristeza por carregarem fardos tão pesados, como são os transtornos mentais.

Dos cento e oitenta e oito alunos observados nas dez salas de aula que se lecionava, vinte e dois apresentavam algum tipo de sofrimento, demonstrado por meio de isolamento, tristeza, choro e desinteresse pelos estudos. Desses vinte e dois identificados, todos afirmaram que sentiam muita tristeza e angústia, irritação e falta de vontade de viver, sendo que doze deles disseram que não tinham um motivo aparente que justificasse tais sentimentos. Quinze dos vinte e dois já tinham machucado de forma proposital alguma parte do corpo, dentre elas braços, pernas e barriga. Os objetos utilizados para se cortarem eram estiletes, facas, lâminas (Gillette), tesoura. Um deles mencionou o uso de pedaço de cerâmica e arame.

Quando os quinze alunos que se machucavam propositalmente foram questionados sobre o porquê praticavam esses atos, a resposta era: “para desviar a dor que está no peito para outro lugar do corpo”; “para aliviar a dor”; “para se livrar da angústia que me sufoca”; “porque eu não aguento mais sofrer”; “porque é melhor a dor física do que a dor que sinto no peito”. Nenhum deles estavam fazendo psicoterapia, que é uma das intervenções superimportantes junto com o tratamento medicamentoso para auxiliar os sujeitos acometidos por problemas de depressão, ansiedade e outros transtornos de saúde mental.

Eles tinham em comum, pais que trabalhavam dez horas ou mais por dia, sendo que a maioria das mães também acumulavam responsabilidades com os afazeres domésticos e tinham pouco tempo para ficar com os filhos; baixa autoestima; ansiedade, bem como, a falta de projetos de vida a médio e longo prazo.

No que tange a ansiedade, sabe-se que esta tem caráter crônico, porém, mesmo que não tenha cura, o tratamento adequado é bastante eficaz e auxilia a pessoa na obtenção de maior autocontrole, superação ou eliminação de sintomas, que em alguns casos poderá ficar assintomático durante determinados períodos, proporcionando qualidade de vida e novas possibilidades de convívio social (SILVA, 2011).

Cinco dos pesquisados não comentavam com a família sobre o que passavam, pois não tinham uma boa convivência em casa; sete deles comentou que a família sabia, que tinham uma boa convivência em casa e que já estavam tomando remédio; dez deles haviam comentado com familiares, mas estes não entendiam a situação e acabavam gerando ainda mais sofrimento por dizerem que era falta do que fazer, frescura ou que estavam querendo se aparecerem. Esses relatos indicam o quanto a presença da família, a boa convivência e a compreensão são importantes no tratamento e recuperação do doente.

No entanto, nem todas as pessoas têm conhecimentos sobre o assunto e outras além de não terem, também agem com preconceitos e falta de empatia com o doente, acentuando ainda mais

as fragilidades dos sujeitos que sofrem com algum tipo de transtorno mental. Nesses casos, fica mais difícil o doente receber ajuda profissional, os sintomas podem piorar muito e, infelizmente, e não raro, as ocorrências de suicídios.

As representações sociais a respeito do transtorno mental são carregadas de aspectos negativos relacionados com a família, o paciente e os profissionais que atuam com esta clientela. O Momento do diagnóstico é algo difícil para qualquer tipo de paciente, principalmente, para o paciente com transtorno mental e seus familiares (BARBOSA et al, 2018).

Por muito tempo na história da humanidade, os transtornos mentais foram marcados com grande estigma e preconceitos. Estudiosos da área afirmam que os pacientes com distúrbios mentais eram exilados em algumas culturas; em outras eram excluídos da sociedade e ficavam internados em hospitais e em alguns casos eram queimados, com a justificativa de ter sido tocado por satanás (BARBOSA et al, 2018).

Os estigmas existentes no século XXI que são constituídos pela associação dos termos doente e doença mental com exclusão e anormalidade, ainda são muito fortes, o que indica a necessidade de amplo debate sobre saúde mental para reduzir os preconceitos contra os sujeitos que sofrem com os sintomas dos diversos transtornos ora em discussão. Para tanto, é mister que informações sobre saúde mental sejam democratizadas para todos os segmentos sociais (CÂNDIDO et al, 2012).

Constatou-se que dos vinte e dois pesquisados, dezesseis são do sexo feminino e que os quinze que se cortavam eram os que não tinham uma boa convivência em casa ou que a família não oferecia suporte profissional e afetivo, no sentido também de compreender o sofrimento do doente. Não se pretende afirmar que somente os doentes que não recebem o apoio necessário da família e tratamento adequado que costumam se cortar, mas que nesse grupo de pesquisados, os dados indicaram que os que receberam tratamento e apoio familiar estavam em melhores condições para se recuperarem.

Orientou-se os alunos a procurarem ajuda profissional, destacando que transtornos mentais trazem muito prejuízo para a vida dos doentes e até para as pessoas com as quais convivem. Indicou-se alguns vídeos para que assistissem e recomendassem aos seus familiares. Os cinco alunos que não tinham comentado com seus familiares o fizeram e foram acolhidos, ao passo que os que não eram compreendidos por seus familiares passaram a ter mais atenção e empatia deles. Os sete que já estavam fazendo tratamento com remédios disseram que os pais ficaram contentes em receber aquelas informações contidas nos vídeos.

Os alunos pesquisados precisavam de mais conhecimentos sobre o que estavam passando para entenderem a importância de buscarem ajuda profissional o quanto antes e de fazerem o tratamento com rigor para voltarem a ter uma vida mais salutar. Após a intervenção com informações e diálogos, parte dos alunos que ainda não estavam em tratamento buscaram ajuda no sistema público de saúde e embora o acompanhamento psiquiátrico e psicológico não tenha ocorrido de forma rápida, nem com a frequência necessária, foi um grande passo no processo de obter os cuidados necessários para se livrarem do sofrimento que os flagelavam.

Com esses resultados, julga-se ter alcançado o objetivo da pesquisa e ainda que o fato de terem mais informações não seja o bastante para aliviar suas dores, foi um trampolim para buscarem ajuda profissional e terem subsídios para conversarem com seus familiares sobre suas realidades, de maneira que esses passassem a ter maior empatia pelo sofrimento de seus filhos.

A forma de conceber as doenças mentais dependem das experiências e dos conhecimentos que se tem do assunto, porém de forma unânime a doença mental é vista como uma doença difícil e penosa para os familiares e para o paciente. As doenças mentais em geral causam medo e tensão o que pode prejudicar a qualidade de vida dos que enfrentam a situação (BARBOSA et al, 2018).

O fenômeno que permeava o contexto onde se atuava deveria ser um fato que tivesse uma maior e melhor abordagem do sistemas públicos de saúde e de ensino do país, visto que afeta frontalmente o desenvolvimento humano dos alunos, suas qualidades de vida e conseqüentemente as dinâmicas sociais, afinal, o Art. 6º da Constituição Brasileira de 1988 destaca que são direitos sociais “a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção a maternidade e a infância, a assistência aos desamparados na forma dessa constituição (BRASIL, 1988)”. É responsabilidade de todos os brasileiros cobrarem dos governantes que tais direitos existentes pela força da lei, se tornem direitos de fato.

Considerações Finais

Dos cento e oitenta e oito alunos observados nas dez salas de aula que se lecionava em duas escolas estaduais, vinte e dois apresentavam algum tipo de sofrimento, demonstrado por meio de isolamento, tristeza, choro e desinteresse pelos estudos. Todos os selecionados afirmaram que sentiam muita tristeza, angústia, irritação e falta de vontade de viver. Quinze dos vinte e

dois já tinham machucado de forma proposital alguma parte do corpo, dentre elas braços, pernas e barriga.

Constatou-se que dos vinte e dois pesquisados, dezesseis são do sexo feminino e que os quinze que se cortavam eram os que não tinham uma boa convivência em casa ou que a família não oferecia suporte profissional e afetivo.

Os pesquisados tinham em comum, pais que trabalhavam dez horas ou mais por dia, sendo que a maioria das mães também acumulavam responsabilidades com os afazeres domésticos e tinham pouco tempo para ficar com os filhos; baixa autoestima; ansiedade, bem como, a falta de projetos de vida a médio e longo prazo.

Após a intervenção com informações e diálogos, parte dos alunos que ainda não estavam em tratamento buscaram ajuda no sistema público de saúde e embora o acompanhamento psiquiátrico e psicológico não tenha ocorrido de forma rápida, nem com a frequência necessária, foi um grande passo no processo de obter os cuidados necessários para se livrarem do sofrimento que os flagelavam.

Com esses resultados, julga-se ter alcançado o objetivo da pesquisa e ainda que o fato de terem mais informações não tenha sido o bastante para aliviar suas dores, foi um trampolim para a maioria dos alunos buscar ajuda profissional e para que obtivessem maior empatia por parte dos pais pelo sofrimento que viviam. Ainda são imensos os estigmas existentes em relação as doenças mentais, o que requer um amplo debate por parte de profissionais da saúde e sociedade. Para tanto, é mister que informações sobre saúde mental sejam democratizadas para todos os segmentos sociais.

Referências

BARBOSA, Diogo Jacintho; TOSOLI, Antonio Marcos Gomes; FLEURY, Mariana Luiza de Oliveira; VERN, Rachel; FLEURY, Luis Felipe de Oliveira; SILVA, Alba Nunes da. Representações Sociais Dos Transtornos Mentais Social. **Rev enferm UFPE** on line., Recife, 12(6):1813-6, jun., 2018. Disponível em: <file:///D:/arquivos%20de%20usuario/user/Marilaine/Downloads/234783-114438-1-PB.pdf>. Acesso em: 13/06/2021.

BRASIL. **Constituição Federal da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 05 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 12/06/2021.

CÂNDIDO, Rosilene; OLIVEIRA, Edina Araújo Rodrigues; MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza; COSTA, José Ronildo da; BENÍCIO, Geórgia Salanne Rodrigues;

COSTA, Flora Lia Leal da. Conceitos e preconceitos sobre transtornos mentais: um debate necessário. **SMAD. Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas.** (Ed. port.) vol.8 no.3 Ribeirão Preto dez. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762012000300002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 13/06/2021.

CRESWELL, John W. **Projetos de Pesquisa: Métodos Qualitativos, Quantitativos e Mistos.** Tradução Magda Lopes. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE-OPAS; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE - OMS. Transtornos mentais. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtornos-mentais>. Acesso em:13/06/2021.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; **Mentes ansiosas: medo e ansiedade além dos limites**, Ed. Objetiva, 2011, Rio de Janeiro-RJ.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

MARQUES, Marilaine de Castro Pereira; BERTAN, Danúbia; SANTOS, Ismael Pereira dos; ALVES, Anderson Ortiz; FABIS, Renato; SIGNOR, Fernanda Silva. Transtornos Mentais: Experiência com estudantes de Escolas Estaduais de Alta Floresta - MT. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Julho/2021, vol.15, n.56, p. 348-356, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 21/06/2021;

Aceito: 30/06/2021.